

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 99

Data: 11.11.84

Pg.:

A chave do mundo xavante

BETTY MINDLIN
Especial para a Folha

A SOCIEDADE XAVANTE
de David Maybury-Lewis.
Tradução de Aracy Lopes
da Silva-Franco Alves.
400 págs. Cr\$ 35.000.



Como viveria o povo do primeiro deputado índio do Brasil?

Quando David Maybury-Lewis fez sua pesquisa em São Domingos, em 1958, fazia apenas seis ou sete anos que os xavantes haviam tido o primeiro contato pacífico com o Serviço de Proteção aos Índios (S.P.I.). O antropólogo pôde observar uma vida tribal ainda muito intocada por novos hábitos e relações, e descreveu-a num estilo fluente, não interrompido por jargão ou referências acadêmicas.

O cenário e as personagens surgem concretos, prendendo a atenção como uma obra de ficção. Especialmente interessante, no começo do livro, é seguir a subsistência material, a busca de alimentos. Vamos atrás dos xavantes nos achados do cerrado, raízes e frutos, que permitem reduzir a importância das roças para o sobrevivência. Agricultores rudimentares na época, a atividade valorizada era a caça — ainda mais importante como traço cultural que como fonte de alimento. Espantam as caçadas comunais e cerimoniais, pela quantidade de carne que propiciavam e a especificidade de sua organização, elo tribal. Fazem imaginar a importância de um território extenso e do nomadismo para esse grupo indígena; exemplo de que não é só com agricultura sedentária, abrindo roças, é que se ocupa um território.

É muito completa a descrição da vida na casa, do ciclo de vida, da infância, nascimento, casamento, morte. Há pistas interessantes para a reflexão sobre o feminino, especial também em outros grupos Jê: os casamentos das meninas muito antes da puberdade; a violência sexual cerimonial; a organização da casa em torno das mulheres (a uxorilocalidade); a ausência de domínio público para as mulheres, como existe para os homens, com o conselho dos homens; a exclusão ou posição secundária das mulheres em tudo que é político, como feitiçaria, classes de idade e nomeação.

É justamente na análise do sistema político que está o forte do livro. Elemento básico são as facções — linhagens que contam com alianças entre si ou mesmo o apoio de membros de outros clãs e linhagens. Curioso como é sempre muito importante o uso da palavra para obter adesões, por exemplo no palco do conselho dos homens — modelo de democracia. A palavra corrobora lealdades criadas e transformadas por múltiplos mecanismos, por vezes contraditórios. Há a rivalidade entre facções e linhagens; há o jogo de feitiçaria, (de que só os homens são considerados capazes, lembrando o caso dos Azande, estudados por Evans-Pritchard na África); há a solidariedade entre homens da mesma classe de idade, e entre os do mesmo grupo doméstico. Por causa da matrilocidade, os homens são sempre estrangeiros na casa onde moram e os de uma mesma patrilinearidade procuram casar-se na mesma casa, com irmãs, por exemplo, para contar com aliados. As numerosas classes de idade são um dos aspectos mais fascinantes dos xavantes, forma especial de criar laços comunitários, exigindo cerimoniais de passagem, uso conjunto de recursos econômicos, abrindo portas para compreender a nomeação. Há, assim, muitas formas de unir os membros da tribo, que não passam necessariamente pela produção, nem mesmo pelo parentesco.

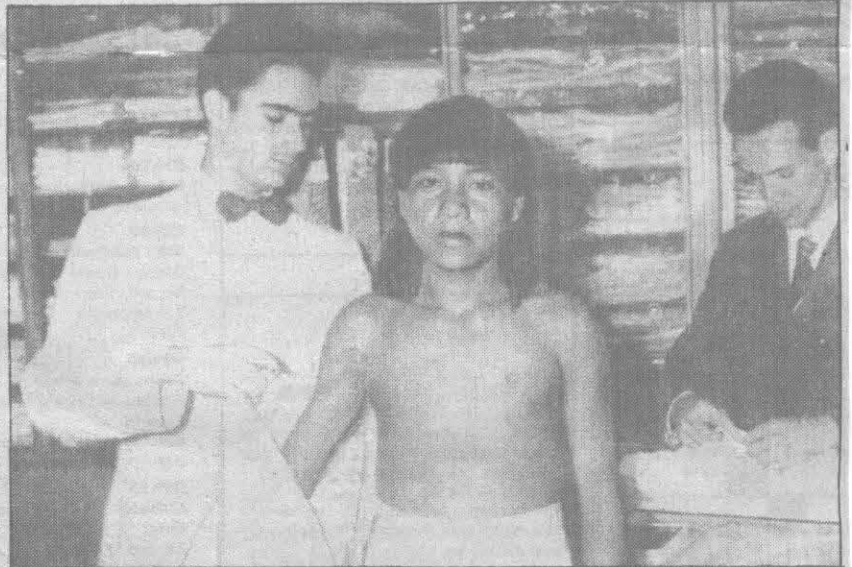
É a complexidade da tribo, apesar da vida material bastante simples, que é posta em relevo no livro.

Quatro anos mais tarde, na segunda visita, Maybury-Lewis já encontra mudanças bastante grandes. Aliás, é surpreendente a semelhança do processo em todos os grupos indígenas, mesmo pouco tempo depois do contato: consumo de bens industriais, o dinheiro, novas relações e ritmo de trabalho, subordinação à Funai, terras invadidas, doenças e mortes. Hoje, este processo só é mais violento. Alguns anos, apenas, depois da paz com a FUNAI exatamente como os xavantes de então, os suruis, cintas-largas e zorós, por exemplo, de Rondônia e Mato Grosso, vêem suas terras invadidas por projetos de colonização, madeireiras, garimpos, e têm toda a vida tribal alterada.

É esta convivência já antiga com a cultura que o traz ao drama indígena e que permite a Maybury-Lewis, mesmo de longe, ir acompanhando e apoiando os esforços pela sobrevivência do índio. Seu trabalho sobre os xavantes não só nos esclarece sobre o mundo indígena: como todo novo conhecimento do outro é uma arma para fazer respeitar o índio e seus direitos.

BETTY MINDLIN é mestre em Economia, doutora em Antropologia, ex-professora da Eaesp-FGV e pesquisadora da Fipe-USP.

Banco de dados



A aculturação do índio brasileiro foi das mais violentas